

*A marginalidade do slam e o seu
projeto de decolonização do
pensamento: uma leitura do
poema "Poesia Marginal" de
Tawane Theodoro*

*The Marginality of Slam and Its Project of Decolonizing
Thought: An Interpretation of the Poem 'Poesia Marginal'
by Tawane Theodoro*

Érica Alessandra Paiva Rosa¹

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/CNPq). E-mail: erica.paivarosa@gmail.com. Orcid: 0000-0002-6280-7278

Resumo: Neste artigo, discuto as relações entre o slam (campeonato de poesia falada) e a literatura marginal no Brasil, a partir de uma leitura interpretativa do texto “Poesia Marginal”, de Tawane Teodoro, apresentado nos slams e publicado no livro “As minas do slam” (2023, Periferias e Ganesha Cartonera). O poema versa sobre as relações entre a poesia e a periferia, além do contexto de desenvolvimento de uma poesia marginal no cenário dos slams. Utilizo uma metodologia de caráter analítico-interpretativo que conta com um aporte teórico relacionado à literatura marginal (Ferréz, 2005; Nascimento, 2009; Oliveira, 2011), ao slam (Bortolozzo, 2021; Pimentel; Souza; Costa, 2023; Rosa; Leite, 2023) e à decolonialidade (Las claves [...], 2017; Mignolo, 2017). As reflexões demonstram que o slam opera uma resistência discursiva que, além de revidar as opressões, mobiliza um projeto pedagógico de literatura

para a construção de futuros outros, o que o configura como um movimento de perspectiva decolonial no campo literário.

Palavras-chave: slam; poesia; literatura marginal; decolonialidade.

Abstract: In this article, I explore the relations between slam poetry competitions and marginal literature in Brazil, focusing on an interpretative analysis of Tawane Theodoro's poem "Poesia Marginal", presented in slams and published in the book "As minas do slam" (2023, Periferias and Ganesha Cartonera). The poem delves into the connections between poetry and the periphery, contextualizing the development of marginal poetry within the slam scene. Employing an analytical-interpretative methodology, I draw on theoretical frameworks related to marginal literature (Ferréz, 2005; Nascimento, 2009; Oliveira, 2011), slam (Bortolozzo, 2021; Pimentel; Souza; Costa, 2023; Rosa; Leite, 2023), and decoloniality (Las claves [...], 2017; Mignolo, 2017). The reflections demonstrate that slam poetry embodies a discursive resistance that not only counteracts oppressions but also mobilizes a pedagogical project of literature aimed at envisioning alternative futures, thus positioning itself as a decolonial movement within the literary sphere.

Keywords: slam; poetry; marginal literature; decoloniality.

Boitata, Londrina, 2024
Recebido em: 25/04/2024
Aceito em: 01/07/2024



A marginalidade do slam e o seu projeto de decolonização do pensamento: uma leitura do poema “Poesia Marginal” de Tawane Theodoro

Érica Alessandra Paiva Rosa

Introdução

Falar de marginalidade na literatura é abrir espaço para discussões mais amplas que versam sobre o cenário literário, os meios de produção artística, o espaço geográfico, as relações sociais e as relações da literatura com as pessoas, dentre muitos outros temas. Na primeira seção do artigo, “O slam é uma literatura marginal?”, realizo uma revisão bibliográfica, refletindo sobre o termo “marginal” e a expressão “literatura marginal”, bem como as estratégias de apropriação da literatura mobilizadas pelos sujeitos periféricos. Também apresento o movimento dos slams, campeonatos de poesia falada, no Brasil e discuto como ele configura uma proposta decolonial de produção e compartilhamento de saberes via literatura. Ainda exploro algumas características que contribuem para a associação do slam à literatura marginal, a fim de investigar o porquê os sujeitos desse movimento se reconhecem como produtores/consumidores de uma literatura marginal.

Na segunda seção, “Construindo pontes pelas margens com a poesia”, realizo uma leitura interpretativa do texto “Poesia Marginal”, escrito e apresentado pela slammer¹ paulista Tawane Teodoro. O poema compõe o livro “As minas do slam” (2023, Periferias e Ganesha Cartonera) e versa sobre as relações entre a poesia e a periferia, além do contexto de desenvolvimento de uma poesia marginal no cenário dos slams. Ao longo da leitura, analiso a temática, a linguagem, os espaços ocupados pela slammer e representados em seu poema, as relações dessa poética com o público e o processo de reconhecimento de Tawane Theodoro como uma escritora periférica. A partir disso, discuto o slam como um movimento de resistência discursiva que, além de revidar as opressões, mobiliza um projeto pedagógico de literatura para a construção de futuros outros.

O slam é uma literatura marginal?

O termo “marginal” possui uma multiplicidade de sentidos a depender do contexto em que é inserido, bem como de sua classificação morfológica. Pensando sobre o adjetivo “marginal”, Bortolozzo (2021) considera que o peso de seus significados atua no delineamento de diferentes tipos de espaço, como o simbólico e o geográfico. Para a pesquisadora, o termo ainda “[...] é reivindicado enquanto identidade que dificilmente se priva em ativar uma única possibilidade de identidade marginal e/ou periférica” (Bortolozzo, 2021, p. 217), visto a pluralidade de identidades.

Oliveira (2011) também reflete sobre os conceitos “marginal” e “periférico”, compreendendo que eles se relacionam a determinadas formas de representação, as quais

¹ Nome dado aos poetas que participam dos campeonatos de poesia falada.



mobilizam processos de produção de significados e de identidades. Segundo a autora, é preciso considerar essa questão “para pensarmos sobre a produção literária contemporânea originada nos morros e favelas das grandes cidades brasileiras, o modo como ela se inscreve no contexto sociocultural em que se situa, as experiências que ela traduz e as identidades que engendra” (Oliveira, 2011, p. 33).

Em diálogo com as perspectivas de Bortolozzo (2021) e Oliveira (2011), compreendo que a marginalidade está ligada às relações de poder da sociedade que definem o que é “centro” – portanto, importante – e o que está “à margem desse centro”. Assim, na literatura, a margem pode ser pensada pelo local onde os textos são produzidos, em relação às periferias das cidades, e por suas condições de produção, fora dos espaços de produção literária reconhecidos e valorizados – cursos de escrita com profissionais renomados, grandes editoras, livrarias, feiras literárias, mídia etc. –, bem como à margem da academia, que atua nos processos de legitimação de uma obra como literatura.

Nesse contexto, tanto os textos produzidos por sujeitos periféricos, que falam sobre a realidade da periferia e as suas vivências nela, podem ser compreendidos como uma literatura marginal, quanto os textos produzidos por sujeitos que não vivem nas periferias, mas que não têm acesso a grandes editoras ou não têm condições financeiras para publicar e, como alternativa, produzem publicações artesanais e/ou se organizam em coletivos para desenvolver seus trabalhos de modo independente. Ademais, ainda cabe o entrecruzamento das condições geográfica e social apresentadas.

No prefácio “Terrorismo Literário”, do livro “Literatura marginal: talentos da periferia”, Ferréz (2005) discute a importância que a literatura marginal assume para as pessoas pobres e periféricas, colocando-as na história:

Uma coisa é certa, queimaram nossos documentos, mentiram sobre nossa história, mataram nossos antepassados. Outra coisa também é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimarão tudo o que prove que um dia a classe menos beneficiada com o dinheiro fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de ‘excluídos sociais’ e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais 500 anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo, composto de minorias, mas em seu todo uma maioria (Ferréz, 2005, p. 11).

Tal pensamento de Ferréz demonstra que os sujeitos marginalizados, cientes de que a colonialidade² controla o acesso aos sistemas legitimados de produção dos saberes e das artes, constroem suas próprias formas de organização para criar e veicular o trabalho artístico, bem como para educar e emancipar o pensamento de seus pares. Essas formas de organização se

² A colonialidade é compreendida aqui como a lógica que orienta o poder durante o período histórico do colonialismo e após ele, persistindo até a contemporaneidade. A colonialidade é responsável por articular relações hierárquicas de poder a partir de questões identitárias, como raça, classe social, religiosidade, gênero e sexualidade (Rosa; Leite, 2023). Devido ao seu alcance, a colonialidade se divide em diversos tipos, como: colonialidade do poder, colonialidade do saber, colonialidade da linguagem, colonialidade do ser, colonialidade do gênero, colonialidade da natureza etc.



caracterizam por acontecerem de modo coletivo e localizado, a fim de “[...] construir um pensamento que nasça de práticas políticas concretas desse espaço geográfico, a partir da experiência de suas comunidades” (Rosa; Leite, 2023, p. 143).

É desse modo que as pessoas se unem em projetos de vida coletiva para ressurgir, reemergir e re-existir. Propostas que vão além de resistir, “[...] porque resistir significa que as regras do jogo são controladas por alguém a quem resistimos” (Mignolo, 2017). Com tal propósito, a periferia brasileira desenvolveu diversos movimentos culturais, como o Hip-Hop e o rap, a literatura marginal e os saraus etc., os quais semearam um campo para que, nas últimas duas décadas, os slams crescessem com muita força pelo país.

Os poetry slams são campeonatos de poesia falada que nasceram na década de 1980, nos Estados Unidos, como um espaço de expressão e partilha de ideias. Para participar da competição, as pessoas precisam respeitar três regras principais: apresentar textos autorais, em até três minutos (ou no tempo estipulado pelo slam) e sem uso de figurino, fantasia ou música. É apenas palavra e corpo em cena. As apresentações são avaliadas por um júri popular, formado por membros da plateia, que atribui notas de 0,0 a 10,0 pontos para poema e performance.

A prática do slam se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil em 2008 com o “ZAP! Slam”, na cidade de São Paulo. A juventude brasileira aderiu com força ao movimento que, atualmente, possui mais de 200 comunidades. Por acontecer em diferentes países, o slam conta com etapas nacionais, continentais e mundiais. Para Freitas, Peregrino e Patrocínio (2022, p. 10):

O Slam escapa da rigidez das categorizações literárias usuais, se espalha por diferentes suportes e se instala nos interstícios entre o oral, o escrito e o visual. Slam é fluxo, camada e ruptura. É poesia marginal. É a voz da periferia. É um coletivo de pessoas: produtores, poetas e público. É cultura jovem urbana. É cultura negra. É poder feminino. É o levante da voz. É o encontro da palavra com o corpo. É política, ágora e assembleia. É fala e escuta.

Considero o caráter de coletividade uma característica primordial do slam que só acontece porque pessoas estão interessadas em organizar o campeonato, poetas querem apresentar suas produções autorais e o público deseja ouvir os poemas. Assim, é comum que os slammers falem sobre as suas vivências – ligadas às questões de raça, classe, gênero, sexualidade etc. – as quais, geralmente, são vivências semelhantes às de muitas outras pessoas que se identificam com os textos e se sentem representadas neles. Dessa maneira, a poética do slam assume uma voz coletiva comprometida em retratar o cotidiano de suas comunidades. Justamente por isso, o processo de reconhecimento dos sujeitos brasileiros, que constroem o slam como produtores de uma literatura marginal, se dá em um contexto no qual compartilham experiências sobre estar à margem, conforme reflito com a pesquisadora Leite:

No movimento dos slams brasileiros, as narrativas são criadas a partir de uma ‘margem’ que pode ser tanto geográfica, em relação às periferias das cidades, quanto social, em relação às comunidades à margem dos meios de expressão e da produção literária, por exemplo. Sobre a questão geográfica,



destacamos que muitos slams acontecem em bairros periféricos que geralmente não recebem atenção do poder público para a área da cultura. [...] Já sobre a margem social, podemos afirmar que os slams têm se configurado como espaços de resistência discursiva nos quais alguns grupos sociais, que por muito tempo foram representados por outros, assumem o controle da palavra para contestar a história contada pela colonialidade e seus agentes. O slam é um lócus de debate de urgências e tem se tornado um lugar de projeção de vozes que até então não foram ouvidas em outros espaços sociais (Rosa; Leite, 2023, p. 139-140).

Nessa conjuntura, algumas características que contribuem para a associação do movimento brasileiro de slams à literatura marginal são: 1. a ocorrência dos slams em espaços públicos, espaços periféricos ou de circulação de sujeitos periféricos; 2. a organização de uma atividade literária fora dos círculos acadêmicos e editoriais; 3. a condição social das pessoas que participam do slam (organizadores, poetas e público); 4. as temáticas dos poemas apresentados, os quais geralmente versam sobre situações de marginalização: racismo, violência policial e de gênero, desigualdade social e relações político-econômicas; 5. a proposta estética dos textos que, comprometidos com as questões político-sociais do tempo/espaço de seus criadores, contam histórias em até três minutos com um discurso acessível, linguagem coloquial e objetiva, repleta de gírias e neologismos.

Além disso, o fato de o slam trabalhar com a poesia via oralidade expressa uma subversão da linguagem, “[...] já que retira a poesia da sacralidade da escrita para a qual por tanto tempo ela foi destinada” (Rosa; Leite, 2023, p. 140), colocando-a para jogo na rua e devolvendo-a ao povo. Ainda, o slam constitui um espaço democrático de fala, dado que qualquer pessoa pode se apresentar – seja na competição ou nos momentos de microfone aberto ao público – uma vez que as inscrições geralmente são realizadas no início dos eventos. O júri popular e voluntário também aproxima o slam de uma proposta literária marginal, pois considera que qualquer pessoa pode julgar uma poesia a partir das emoções que a apresentação lhe proporciona, não sendo necessário ter formação técnica e acadêmica para isso.

As comunidades de slam também organizam formas próprias para a circulação de suas literaturas além dos eventos, como a publicação de zines e livretos artesanais ou mesmo a organização e publicação de coletâneas poéticas com textos de seus slammers. Tais publicações ocorrem de forma independente, fora do grande circuito editorial, ou com pequenas editoras também à margem desse circuito e/ou fomentadas nas periferias brasileiras. Essas práticas de atuação coletiva para a transformação ilustram um movimento de dessacralização da poesia e configuram o slam como uma proposta decolonial de produção e compartilhamento de saberes através da arte, visto que “[...] a construção comunitária é o centro do sentir-pensar para a criação de um outro mundo” (Las claves [...], 2017). Logo, as estratégias de organização mobilizadas pelos slams para a criação literária e a circulação dessa produção representam ações para um projeto de futuro outro, demonstrando:

[...] o poder de criação que têm os grupos marginalizados, que dentre a pobreza e exclusão, inventam estratégias peculiares de sobrevivência nas cidades, intuindo respostas aos modelos hegemônicos de ordenamento e aos



discursos oficializados pelas mídias e as classes sociais mais altas (Bortolozzo, 2021, p. 258-259).

Em resposta aos regimes de poder da linguagem e de acesso à produção/fruição literária, os slams surgem como “[...] uma ferramenta disruptiva da colonialidade, tornando acessível uma forma de se fazer ouvir para sujeitos que só agora conquistam um lugar de dominância e de protagonismo no mundo das representações” (Pimentel; Souza; Costa, 2023, p. 8). Com tal proposta política e social, o movimento brasileiro de slams reconhece a sua produção poética como uma literatura marginal, conforme as definições traçadas por Ferréz (2005) e expostas a seguir.

Diante da ausência de pertencimento aos estilos de literatura produzidos e classificados até meados dos anos 2000, Ferréz categoriza a sua produção literária e a de outros escritores periféricos como uma literatura marginal. Segundo o autor, considerando que as coisas produzidas na periferia são deslegitimadas, principalmente por serem desenvolvidas nesse local, e que os moradores das periferias são reconhecidos como marginais por habitarem esse espaço geográfico, faz todo o sentido utilizar o termo “marginal” para nomear tal produção que:

[...] é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que a sua principal característica é a linguagem, é o jeito como falamos, como contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos [...] (Ferréz, 2005, p. 12-13).

Nessas condições, a ação de autoneamar a sua literatura é uma resistência discursiva (Ashcroft, 2001) aos regimes de saber e de poder do campo literário. Para Ashcroft (2001, p. 15), a linguagem “[...] é a chave para a interpolação, a chave para o potencial transformador”. Nomear demarca, portanto, a constituição de uma existência e a possibilidade de construção de significados sobre aquilo que existe. Ao refletir sobre a produção de Ferréz e de outros autores periféricos, Nascimento (2009) propõe uma fértil discussão sobre a expressão “literatura marginal”:

Associado à literatura, o termo marginal adquiriu diferentes usos e significados, variando de acordo com a atribuição dos escritores, ou mais frequentemente, com a definição conferida por estudiosos ou pela imprensa num dado contexto. Para Gonzaga (1981), tais usos e significados estão relacionados à posição dos autores no mercado editorial, ao tipo de linguagem apresentada nos textos e à escolha dos protagonistas, cenários e situações presentes nas obras literárias (Nascimento, 2009, p. 36-37).

Nascimento (2009) também expõe que “literatura marginal” pode referenciar textos que não são considerados “clássicos” e não compõem as leituras obrigatórias de vestibulares, por exemplo. Entretanto, destaco que a poética do slam já vem rompendo tal barreira, haja vista que poemas de slammers têm se tornado frequentes em provas de vestibulares, mesmo



ainda não comendo suas listas de leituras obrigatórias. Por exemplo, os poemas “menimelímetros” e “Je ne parle pas bien”, da slammer paulista Luz Ribeiro, integraram as provas de Literatura da Universidade Estadual de Campinas em 2021 e 2024, respectivamente. Além disso, o poema “Garganta”, da slammer paulista Roberta Estrela D’alva, compôs o Exame Nacional do Ensino Médio em 2023.

Ampliando o panorama de alcance da produção poética do slam nos espaços literários legitimados, a slammer pernambucana Bell Puã ganhou o Prêmio Malê de Literatura em 2019 e o seu livro “Lutar é crime” (Puã, 2019) foi finalista na categoria Poesia do Prêmio Jabuti em 2020. No ano seguinte, o projeto “Slam Interescolar SP” ganhou o Prêmio Jabuti no eixo de Inovação, como Fomento à Leitura. Já em 2023, a slammer paulista Luiza Romão ganhou o Prêmio Jabuti nas categorias de Poesia e de Melhor Livro do Ano com a obra “Também guardamos pedras aqui” (Romão, 2022).

A partir das características e dados apresentados, considero que o slam se configura como projeto literário de perspectiva decolonial, o qual mobiliza o rompimento de barreiras no campo literário como revide à marginalização. Para exemplificar esse revide com a produção do slam, trago a análise do poema “Poesia Marginal” de Tawane Theodoro.

Construindo pontes pelas margens com a poesia

Tawane Theodoro é nascida e criada no Capão Redondo, bairro periférico da Zona Sul de São Paulo (SP). É poeta e slammer, desde 2016, além de ser formada em Nutrição pela Universidade Paulista (UNIP). Compõe a organização do Sarau do Capão e do Slam do Bronks, também é poeta formadora do Slam Interescolar de São Paulo. Sobre suas conquistas no slam, Theodoro foi campeã do estadual Slam SP em 2018 e participou do nacional Slam BR em 2018 e 2019. A slammer já publicou dois livros pela Editora Quirino, “Afrofênix: A fúria na quebrada” (2019) e “A Pluralidade da Poeta” (2022), que são vendidos pela própria autora.

Escolhi analisar o conteúdo verbal do poema “Poesia Marginal”, de Tawane Theodoro, que compõe o livro “As minas do slam: nova cena da poesia falada no Brasil”, organizado por Ary Pimentel, Fabiana Souza e Mariana Costa, com textos de 22 slammers brasileiras. O livro foi publicado em 2023 pela editora “Periferias”, localizada no Complexo da Maré, em parceria com a “Ganesha Cartonera”, localizada no Morro da Babilônia, ambas fomentadas em territórios periféricos da cidade do Rio de Janeiro (RJ).

O texto “Poesia Marginal” é construído a partir de um discurso em primeira pessoa que ora se apresenta no singular, representando a voz de Tawane Theodoro contando suas experiências, ora, no plural, representando uma voz coletiva que relata o contexto de relações da poesia com os sujeitos periféricos, grupo do qual Theodoro anuncia pertencer. O uso de pronomes pessoais como “nóis” e “a gente”, bem como o de pronomes possessivos em primeira pessoa do plural, localiza a poeta como uma escritora da “quebrada”.

A slammer inicia o poema delineando um panorama de afastamento proposital entre a poesia e as pessoas periféricas: “A poesia de nós sempre foi tirada/ Ou melhor, mal era apresentada/ E quando era sempre daquela forma eurocentrada/ Não tinha como a gente se sentir representada” (Theodoro, 2023, p. 114). Isso acontece em um contexto no qual, durante muito tempo, divulgou-se uma imagem da poesia como uma arte elitizada, escrita e apreciada



por intelectuais, restrita aos círculos acadêmicos e difícil de ser compreendida: “Era necessário/ Muitas vezes até um dicionário pra gente entender/ Não mostrava o nosso lado (quebrada) de viver” (Theodoro, 2023, p. 114). Tal abordagem corresponde a uma característica verificada por Nascimento (2009) de que:

[...] os escritores que atribuem aos seus produtos literários a marca literatura marginal constroem também certa homogeneização de condições de vida no imaginário e nos seus discursos: ser morador da periferia urbana brasileira é vivenciar situações de *marginalidade social e cultural* (Nascimento, 2009, p. 151).

O fato de a “quebrada” não ter acesso à poesia configura uma situação de marginalização cultural, denunciada por Theodoro, que compõe uma imagem coletiva sobre ser periférico/marginal, “[...] sob a qual os aspectos políticos e sociais predominam sobre os individuais” (Nascimento, 2009, p. 158). Refletindo acerca do contexto de produção literária na história do Brasil, Pimentel, Souza e Costa (2023) abordam o cenário de transformação proporcionado pelo slam ao propagar vozes de sujeitos marginalizados que utilizam a literatura para discutir suas demandas políticas:

A literatura que via de regra foi escrita por grupos historicamente privilegiados pela colonialidade e pela racialização, derivando assim em território dominado por homens brancos, heterossexuais e de classe alta, agora encontra em contraponto na dicção de corpos subalternizados expressando-se fora da subalternidade. No Brasil do século XXI, a poesia falada é dita por vozes não brancas, periféricas, LGBTQs e, em sua maioria, femininas. Nesse novo cenário de desmonte do regime de distribuição desigual dos meios de enunciação, a palavra poética passa a ser sinônimo de palavra política (Pimentel; Souza; Costa, 2023, p. 8).

O poeta Sérgio Vaz (2021) possui uma famosa frase que ressignifica a função da poesia à medida que ela dialoga com as pessoas: “Poesia para mim é quando ela desce do pedestal e beija os pés da comunidade”. Essa dessacralização da ideia de poesia acontece quando o material poético também fala sobre “o lado ‘quebrada’ de viver”: “E ainda bem que conheci o outro lado da poesia, a deles é até legal/ Mas vocês já pararam para ouvir a nossa poesia marginal? / De Luz Ribeiro a Jéssica Campos / De GTR a Gabriel Santos/ Cê é loco... / Aí o jogo muda / E a casa grande surta!” (Theodoro, 2023, p. 114). Ao citar quatro nomes de slammers como representativos da poesia marginal, além de divulgar seus colegas de cena, Theodoro contesta a clássica ideia de referência literária como a de escritores com inúmeras obras publicadas que compõem grupos historicamente privilegiados, conforme a exposição de Pimentel, Souza e Costa (2023). Desse modo, a escritora mostra que o seu repertório de referências literárias é formado por poetas do slam e como é importante ter essa representatividade na literatura marginal.

Ainda no mesmo trecho do poema, Theodoro expressa um ponto de tensão entre os sujeitos que representam a poesia marginal e os sujeitos da “casa grande”, de modo que a voz dos slammers simboliza uma carta importante no processo de mudança do jogo social. Os



opressores se chocam ao verem os sujeitos periféricos se apropriando da poesia para denunciar as opressões que sofrem e promover reflexões em suas comunidades: “O opressor gela ao ver o oprimido se levantando/ Nossas lutas viram combustível e nós sai recitando/ Atirando... Poesia!/ Falando da nossa realidade/ Isso sim é sinônimo de felicidade/ Porque a nossa essência/ É pura resistência” (Theodoro, 2023, p. 114).

A estrofe supracitada aborda como a literatura tornou-se um meio para os sujeitos periféricos produzirem e divulgarem discursos sobre suas lutas no cenário político-social, configurando, assim, uma forma de resistência discursiva. A apropriação da linguagem representa uma resistência discursiva dos oprimidos, como Theodoro pontua no poema, já que eles utilizam a literatura como estratégia para discutirem suas realidades, questionarem os discursos produzidos pelo centro e escreverem suas próprias histórias.

Isso demonstra que a periferia não enfrenta calada as suas problemáticas, pelo contrário, torna-as tema da produção poética no cenário dos saraus e slams. Para enfatizar tal atuação dos escritores, Theodoro utiliza a expressão “Atirando... Poesia!” de forma irônica, criticando o discurso midiático que constantemente relaciona a periferia à violência, isto é, as classes altas esperam que as pessoas à margem delas atirem “balas” e não “poesia”. Esse posicionamento da slammer indica que a produção literária atua como mobilizadora dos sujeitos periféricos em um projeto de transformação de suas representações.

Em seu estudo sobre as edições da revista “Caros Amigos Literatura Marginal” (2001 e 2002), organizadas por Ferréz, Marcos Zibordi (2004) identificou a presença de um “projeto pedagógico de literatura” que, nas palavras de Nascimento (2009, p. 80):

[...] faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende “ensinar” ou “ampliar” a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ou ético.

Tais propostas são comuns à literatura dos slams, pois os poemas apresentam uma análise crítica das experiências dos poetas e de suas comunidades, pontuando os desafios enfrentados pelos grupos periféricos. Dessa forma, temas políticos e sociais são frequentes nos poemas: “Com sua capacidade de síntese, a poética do slam é provocativa, ela chama à reflexão ao denunciar os problemas sociais com o propósito de conscientizar quem ouve. Portanto, essa poética visa o engajamento das pessoas na luta por melhores condições de vida” (Rosa; Leite, 2023, p. 156). A ideia da literatura a serviço de um projeto de decolonização do pensamento também fica evidente neste trecho do poema “O peso das palavras”, de Theodoro: “Se acostume!/ Porque isso é só o começo do projeto que nós tá iniciando/ Se prepare para sentir o peso das crianças que a gente está influenciando” (Theodoro, 2023, p. 120). A poeta deixa nítido o seu recado para a elite, “se acostume!”, mostrando que o projeto pedagógico de literatura mobilizado pelos slams também atua na formação da infância.

Percebo que a linguagem objetiva e direta do slam é uma estratégia do projeto pedagógico que visa passar uma mensagem de forma rápida e acessível para incitar reflexões: “Não preciso vir aqui despejar palavras bonitas de difícil entendimento/ Eu quero as manas preta me olhando e falando: por causa da tua poesia minha autoestima tá crescendo”



(Theodoro, 2023, p. 118). Nesse trecho do poema “O peso das palavras”, a slammer evidencia como a escrita literária é uma ferramenta importante no processo de reconhecimento e valorização da mulher preta, pois, ao ouvir mulheres pretas falando sobre si em espaços de protagonismo no slam, as manas se identificam e, conseqüentemente, sentem-se representadas por tal produção literária. O uso da literatura para a construção dessa autoestima é uma estratégia de re-existência que configura a decolonialidade do pensar.

Voltando à leitura de “Poesia Marginal”, trago um trecho em que Theodoro denuncia um contexto de opressão aplicada aos sujeitos periféricos a partir do silenciamento: “Vivem nos humilhando/ Querendo que a gente retruque acariciando/ Ai não dá para aguentar/ Há anos nos silenciaram, mas agora isso vai mudar” (Theodoro, 2023, p. 115). Compreendo o silenciamento como uma violência simbólica, conseqüentemente, uma estratégia de controle operada pela lógica colonial. Como revidé, o último verso do trecho indica o contexto de mudanças operadas pelo slam no campo discursivo, ilustrando as discussões anteriores. Quanto a isso, Pimentel, Souza e Costa (2023, p. 7-8) refletem:

A partir de um processo de reconfiguração das estruturas de poder, que passa também pela assunção de voz da outridade, os subalternizados – antes silenciados – começam a falar em seu próprio nome. Quem foi marcado pela falta de acesso à representação rompe o silêncio e lança o seu grito para toda a sociedade, colocando em circulação autofigurações de um ‘eu’ longamente relegado a um lugar de apagamento.

A escrita poética e o espaço de fala pública proporcionados pelos slams são formas de resistência discursiva operadas pelos sujeitos subalternizados. E a literatura marginal é uma ferramenta de denúncia e, sobretudo, de revidé às opressões. Ao citar os saraus, os slams e o cursinho popular como seus locais de formação, a slammer expõe que a sua comunidade se mobiliza criando alternativas de futuro para a juventude: “Agradeço aos saraus e aos slams que me formaram/ E assim me prepararam para o mundo de uma melhor forma enfrentar/ Sou cria da casa, do Cursinho Popular Carolina de Jesus e do slam das Minas e não tinha melhores lugares para começar” (Theodoro, 2023, p. 115).

Por meio da literatura, a slammer cria uma representação positiva para a periferia, antes associada apenas “à falta, à violência e à precariedade” (Nascimento, 2009, p. 158), mas que agora re-existe com um projeto de liberdade que visa eliminar as barreiras de marginalização através da educação e da cultura. No papel de escritora, Theodoro assume um compromisso político com a sua comunidade: o de retratar a periferia em seus textos pelo olhar de quem vive nela – “sou cria da casa” – e, com isso, construir significados outros para esse espaço. O uso da arte para criar representações em um projeto de sociedade desejada ilustra a resistência discursiva de Theodoro, inserida em um projeto de decolonização do pensamento que caracteriza a poética do slam.

Theodoro demonstra se orgulhar do caminho que trilhou na cena da poesia: “E hoje/ A cada palma batida/ A cada sorriso dado/ A cada lágrima escorrida/ A cada POW gritado/ Sinto que não escolhi o caminho errado” (Theodoro, 2023, p. 116). No fragmento, ela lista algumas das emoções comuns na plateia do slam, como os aplausos, os sorrisos, os choros e o “pow”, uma expressão característica dos campeonatos de poesia falada, a qual é gritada quando quem se apresenta declama uma frase de impacto que atinge a plateia em cheio.



Ao final do poema, Theodoro evidencia como a poesia marginal influenciou na sua trajetória de vida e realiza uma crítica a um estereótipo de mulher, defendido e divulgado pela sociedade patriarcal:

Desculpa se não sou aquela princesinha que geral acha legal
Mas a culpa não foi minha e sim dela.... da poesia marginal
Que me escolheu
Acolheu
E assim me surpreendeu
E me tornou tudo que eu queria
Através da poesia
Lhes apresento o meu novo eu
A voz da periferia (Theodoro, 2023, p. 116-117).

O fato de se desculpar por não corresponder ao estereótipo “princesinha” é uma ironia de Theodoro a qual atribui a responsabilidade pelo que se tornou à poesia marginal. Isso ocorre porque a poesia marginal é o espaço onde os slammers se sentem confortáveis em falar sobre as suas realidades, os problemas que enfrentam, os cenários de lutas da periferia etc., como ela faz no poema analisado. Justamente por abordar tais pautas, a slammer reconhece o seu “novo eu” como uma escritora periférica responsável por representar a sua comunidade nos espaços sociais em que circula com o seu trabalho literário.

A partir das reflexões de Oliveira (2011) sobre a atuação dos escritores periféricos, é possível compreender que “Poesia Marginal” é um texto em performance ao expressar a voz de Theodoro ligada à sua atuação cotidiana como slammer e moradora da periferia. Nessas condições: “O texto não é o produto final da atividade criativa, mas um ato de intervenção e participação na vida da comunidade onde ele se produz e circula” (Oliveira, 2011, p. 34). Escrever sobre si e sobre seus grupos é uma estratégia para se colocar na história, bem como pontua Ferréz (2005), isso explica por que ser uma voz comprometida com as causas coletivas tem se mostrado uma característica comum no trabalho dos slammers brasileiros.

Considerações finais

A discussão sobre uma (não) marginalidade de determinada produção literária exprime, sobretudo, como a literatura compõe uma complexa rede de relações de poder, da qual também participam os sujeitos que a produzem e a consomem, bem como os lugares por onde ela circula. A slammer Tawane Theodoro mobiliza essa reflexão em seu poema quando expõe que a poesia sempre foi tirada da periferia e de seus habitantes. Em contrapartida, observo como o slam mobiliza um movimento inverso de inserção da poesia na periferia, seja em suas praças, bares, bibliotecas comunitárias, estações de metrô ou terminais de ônibus, seja no Brasil profundo, aquele de cidades pequenas e bem distantes do eixo de produção cultural Rio-São Paulo.

O slam é um espaço coletivo do fazer poético que promove uma democratização da literatura quando qualquer pessoa pode se inscrever para falar ou pode parar para ouvir poemas. É no slam que muitas pessoas entendem que gostam, sim, de poesia e, principalmente, que têm o direito de acessá-la. Escrever poemas para apresentar no slam



também possibilita que jovens poetas tenham oportunidades de publicar seus textos, de forma independente ou em coletâneas, e que sejam consumidores da literatura produzida por seus pares, como pontua Theodoro.

Mais do que trazer um olhar interno sobre a experiência de viver à margem social e/ou geograficamente, a poética dos slams denuncia as opressões, contesta os discursos hegemônicos, conscientiza seus ouvintes/leitores e propõe a construção de futuros outros. Em seu poema “Poesia Marginal”, Theodoro demonstra como a poesia lhe possibilitou outras oportunidades enquanto moradora da periferia, dentre elas a de ser a “voz” desse espaço, devido ao reconhecimento que ela alcançou na cena dos slams.

O trabalho artístico de Tawane Theodoro, bem como de diversos outros slammers, assume o compromisso de representar uma coletividade periférica de forma positiva. Isso está exposto no poema analisado pela valorização do vocabulário da quebrada, com sua linguagem e sintaxe próprias, de sua poesia marginal e da construção de um pensamento sobre ser uma escritora da periferia. A poética dos slams é uma literatura que se agarra à marginalidade enquanto identidade a ser defendida e valorizada, coletividade produtora de conhecimentos localizados e, por isso, construtora de pontes que ligam as margens a inúmeros outros espaços, inclusive, aos centros. Assim, esse revide discursivo do slam o configura como um movimento de perspectiva decolonial no campo literário.

Referências

ASHCROFT, B. **Post-colonial transformation**. London: Routledge, 2001.

BORTOLOZZO, G. **Espaço em movimento**: as práticas poéticas-políticas-sociais dos slams mobilizando representações e paradoxos espaciais. 2021. 574 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/75462>. Acesso em: 9 mar. 2024.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ. **Literatura marginal**: talentos da periferia. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FREITAS, D. S.; PEREGRINO, M.; PATROCÍNIO, P. R. T. Dossiê poetry slam: produção, circulação e recepção: apresentação. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, ano 26, n. 49, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/53847/29542>. Acesso em: 9 mar. 2024.

LAS CLAVES de Ochy Curiel. feminismo decolonial. Granada: Centro de Iniciativas de Cooperación al Desarrollo, 2017. 1 vídeo (10 min 57 s). Publicado pelo canal CICODE UGR. Disponível em: <https://youtu.be/7ZSHqvKLANQ?feature=shared>. Acesso em: 9 mar. 2024.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos Jesus de Oliveira. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, maio 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 9 mar. 2024.

NASCIMENTO, E. P. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.



OLIVEIRA, R. P. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/205165649/Oliveira-Rejane-Literatura-Marginal-Questionamentos-a-Teoria-Literaria-pdf>. Acesso em: 9 mar. 2024.

PIMENTEL, A.; SOUZA, F.; COSTA, M. (org.). **As minas do slam**: nova cena da poesia falada no Brasil. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera; Editora Periferias, 2023.

PUÃ, B. **Lutar é crime**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ROMÃO, L. **Também guardamos pedras aqui**. São Paulo: Editora Nós, 2022.

ROSA, E. A. P.; LEITE, S. O revide da língua: a decolonização do pensamento na poética do slam. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 51, p. 137-158, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/50496/31973>. Acesso em: 9 mar. 2024.

THEODORO, T. Poesia marginal e o peso das palavras. *In*: PIMENTEL, A.; SOUZA, F.; COSTA, M. (org.). **As minas do slam**: nova cena da poesia falada no Brasil. Rio de Janeiro: Ganesha Cartonera; Editora Periferias, 2023.

VAZ, S. Sérgio Vaz: “poesia para mim é quando ela desce do pedestal e beija os pés da comunidade”. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 10 nov. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/11/10/sergio-vaz-poesia-para-mim-e-quando-ela-desce-do-pedestal-e-beija-os-pes-da-comunidade>. Acesso em: 15 abr. 2024.

